

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Estado de Minas Class.: 26
Data 07/05/89 Pg.: _____

Quem mente na questão amazônica?

Quem está mentindo nessa ácida e pouco ética discussão ecológica? O presidente José Sarney, segundo o Movimento Missionário Indigenista (CIMI)? Ou os ecologistas que entram no coro da cantilena internacional (a mesma repudiada nos idos de 50 pela voz insuspeita do ex-presidente Arthur da Silva Bernardes) que quer à viva força manter o Brasil como nação de segunda categoria?

Afinal, com quem está a verdade?

Com os ecologistas liderados pelo roqueiro Sting, que acusam o governo de estar queimando toda a floresta do Amazonas, ou com os órgãos governamentais, como o INPE, para quem a devastação existe, sim, mas gira em torno de 5 ou 6%?

Seja como for, o ideal será acabar com a ocupação *manu-militari* da Amazônia Legal, tirar de lá os garimpeiros e deixar o Paraíso Verde como no primeiro dia da Criação. Pergunta-se: os paroaras que lá vivem estão de acordo? Eles já foram ouvidos, como aconteceu com as nações indígenas no fulgurante Congresso de Xapuri?

Que impedir a desmatamento das florestas é uma tarefa inadiável, urgente e necessária, todos estão de acordo. Nisso Raoni e seus companheiros estão certos: o homem branco, — o chamado *homo sapiens* — reduziu o mundo às dimensões de um planeta de brinquedo. Com a arrogância de novos deuses, não nos convencemos da nossa pobreza e insignificância na imensidão do Universo. Nós todos somos predadores. Os mais de cinco bilhões de humanos estamos aí para comer e beber. E há hoje, segundo Karl Heinz Oedekoven, ex-presidente da Comissão Europeia de Silvicultura, não mais de 60 ares de terra, por pessoa, para a produção de cereais alimentícios, quando precisaríamos do dobro dessa área. Mais que as ameaças das di-

taduras, militares ou civis, o inimigo número um da humanidade é o empobrecimento do solo, — a derrubada de florestas e matas naturais para expansão da chamada "fronteira agrícola", sem falar da exportação de madeiras.

Se Raoni e seus amigos não forem ouvidos, em breve o Amazonas será um vasto deserto, inerte e aterrador. Não se esqueça que o deserto de Saara avança para o Sul à média de noventa centímetros/ano em uma frente de 3 mil 300 quilômetros. E quem poderia imaginar que a Babilônia era exuberante de fertilidade?

... aqui e agora, para que o Brasil não se transforme em um imenso Saara?

Salvar as florestas. Com dinheiro brasileiro, com ajuda estrangeira, se for honesta, e não colonialista, como parecem ser as estranhas propostas que estão chegando. Como se sabe que, um dia destes, a Terra se tornará inabitável, é preciso pelo menos tentar atrasar a chegada desse dia. Se o Sol ficar mesmo cem vezes mais luminoso do que o é, hoje, como diz o físico George Gamow em seu livro "Nascimento e Morte do Sol", é preciso pelo menos reservar alguma floresta para a resistência final. Ou, então, emigrar para outros planetas. O que será possível só para alguns potentados.

Não se sabe se na Declaração do Amazonas, os presidentes dos países amazônicos têm consciência destas verdades. E muito menos ainda se os povos que habitam os países amazônicos saberão respeitar a natureza de que dependem para sobreviver. Porque, se depender dos chamados "civilizados e suas máquinas de produção, adeus florestas, adeus Amazônia, que tudo virá abaixo para se transformar em ouro e prata. Aí não restará nem uma parede para pendurar um retrato como lembrança.

(Dídimo Paiva)